

AVALIAÇÃO EXPERIMENTAL DA TOXICIDADE DOS FRUTOS DE *Hovenia dulcis* (UVA JAPÃO) NO PERÍODO DE 2013-2015.

Aldo Gava¹, Leonardo Silva da Costa², Thalita Carvalho Cardoso³

¹ Orientador, Departamento de Medicina Veterinária, CAV – aldo.gava@udesc.br

² Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária, CAV - bolsista PIVIC/UDESC

³ Doutoranda em Ciência Animal, CAV

Palavras-chave: *Hovenia dulcis*. Intoxicação. Bovino.

Com o objetivo de esclarecer o quadro clínico patológico da intoxicação pelos frutos de *Hovenia dulcis* (uva Japão), avaliar a quantidade de frutos necessários para reproduzir a intoxicação e a variação da toxicidade dos frutos nos anos de 2013, 2014 e 2015 foram conduzidos experimentos com 10 bovinos. Levantamento de históricos foi realizado com produtores e veterinários da região Oeste e Meio- Oeste de Santa Catarina. O trabalho foi dividido em três etapas, cada uma correspondente aos anos de 2013, 2014 e 2015. Em cada ano foram fornecidas as doses únicas, por via oral, de 30, 40 e 50 g/kg. Adicionalmente, no ano de 2014 um bovino recebeu a dose diária de 20 g/kg durante 30 dias. Os frutos maduros foram coletados do chão, nos municípios de Erval velho, Concórdia e Pinhalzinho. Os animais foram mantidos em baias individuais, fornecido aveia (*Avena sativa*), azevém (*Lolium spp.*) e água *ad libidum*. Em todos os animais em experimentação, foram realizadas avaliações clínicas diariamente. O bovino que morreu foi necropsiado e fragmentos das principais vísceras foram coletados para exame histológicos, fixados em formalina 10%, processado rotineiramente, corado pela técnica de hematoxilina e eosina (HE) e observado em microscopia óptica. Os bovinos que ingeriram a dose de 40 g/Kg no ano de 2013 e a dose de 50 g/Kg nos anos de 2013, 2014 e 2015 manifestaram sinais clínicos caracterizados por anorexia, apatia, hipomotilidade ruminal, sede intensa e diarreia. Os demais bovinos não manifestaram alterações clínicas. Todos os bovinos se recuperaram, com exceção do bovino que ingeriu a dose de 50 g/Kg no ano de 2014. Na necropsia foi observado aproximadamente três litros de líquido translúcido na cavidade abdominal com fibrina; no omento havia coloração vermelha escura difusa, fígado com padrão lobular, abomaso com edema de aspecto gelatinoso e hemorragia focalmente extensa na serosa com aderência no omaso e retículo e mucosa vermelha escura, difusa e espessa; serosa do intestino vermelha escura difusa e áreas multifocais de sufusão. No intestino, abomaso e omaso havia moderada quantidade de sementes. Experimentalmente, a dose de 50 g/kg foi capaz de manifestar alterações clínicas e morte. Os sinais clínicos observados neste experimento foram semelhantes aos observados por Gava et al., 2004, porém neste, a menor dose letal foi 24,5 g/kg e a lesão macroscópica caracterizava-se por fígado de coloração vermelho escura e aspecto de noz moscada. Os sinais clínicos, lesão hepática e a dose tóxica foram semelhantes às observadas por Cardoso et al., 2015 nos anos de 2011 e 2012. Esses resultados sugerem que exista diferença quanto ao período da

toxicidade dos frutos e da variação individual. Esses dados estão de acordo com os históricos obtidos com produtores e veterinários da região.